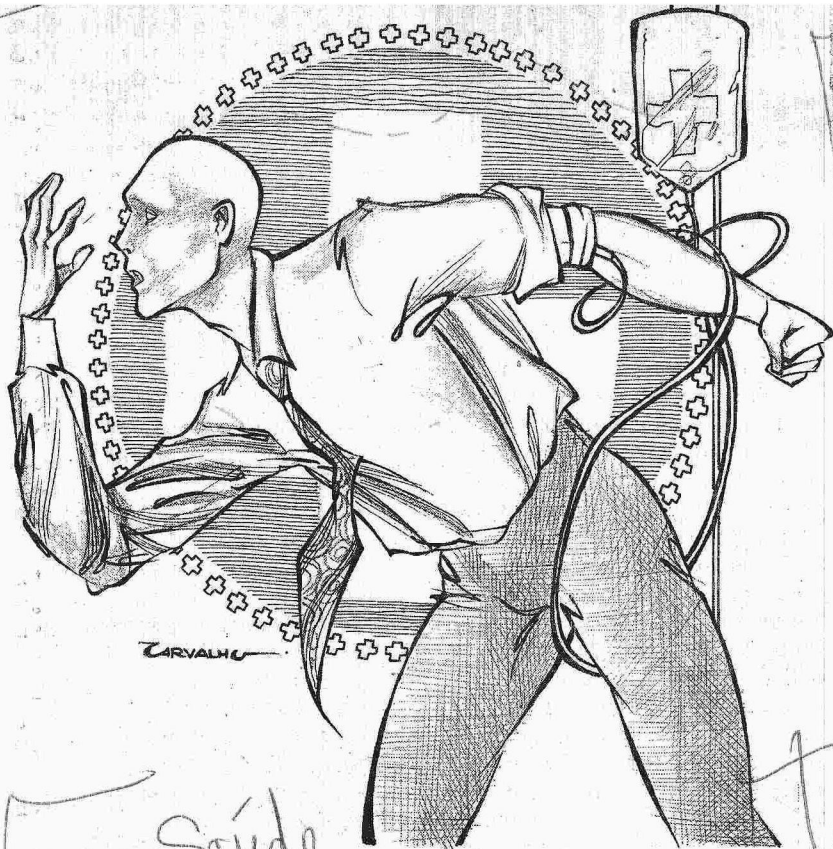




Saúde O mal das Clínicas

Um dos centros de referência da Medicina brasileira, o Hospital das Clínicas sofre de um mal que tem tudo para se tornar crônico, apesar de a cura se mostrar até óbvia. Há anos, geralmente no início do segundo semestre, as informações da imprensa voltam a anunciar o colapso do atendimento no HC, a fuga dos bons profissionais em busca de amparo salarial nos hospitais privados e, de uns tempos para cá, a polêmica em torno da ocupação dos leitos por pacientes conveniados ou particulares.

A polêmica se dá entre a direção do hospital e a associação dos servidores. A primeira, mais interessada em garantir recursos extra-orçamentários e em dar continuidade ao atendimento da população vinda não só do Estado, mas de todo o País. A segunda, por sua vez, está disposta a denunciar o suposto privilégio dos doentes que conseguiram se livrar do atendimento do Sistema Único de Saúde (SUS).

Ora, o Hospital das Clínicas não é de domínio exclusivo do SUS. Antes disso, é moradia da mais alta tecnologia empregada na área médica, serve de escola para os estudantes da mais conceituada faculdade de Medicina do País, desenvolve avançadas pesquisas, e nasce sempre nas suas salas, consultórios e laboratórios a evolução das condições de saúde que atinge toda a sociedade brasileira. O HC é, enfim, para muitos dos que sofrem (do SUS, dos convênios particulares ou dos capazes de pagar a própria consulta e internação) a grande esperança.

A opção feita pela direção de buscar recursos além daquele destinado ao hospital pelo governo estadual é acertada e dará fôlego ao HC, se o seu controle for rígido. O destino dado a 2% dos leitos do hospital aos conveniados e particulares não deve ser visto como "privilégio". Com a verba reduzida em R\$ 120 milhões nos últimos quatro anos, não fosse esse recurso, muito mais do que 2% dos leitos poderiam estar simplesmente desativados. O mal do HC é provocado por uma crise econômica incompreensível. O corte insensato do dinheiro público, que expulsa o funcionário capacitado e deixa en-

costados ou condena à falta de manutenção equipamentos essenciais, acaba tendo por consequência gastos cada vez maiores na tentativa de manter o hospital funcionando. Consertar um aparelho durante muito tempo encosta-

do ou exigido além da conta é sempre muito mais caro do que fazer a manutenção recomendada. Pagar os direitos dos funcionários demitidos ou que peçam demissão e arcar com os custos da contrata-

ção e do treinamento dos novos também requer investimento muito maior que remunerar justamente o bom profissional. O prejuízo será muito maior se a esses fatores for somado o tempo que se perde nesses processos todos.

Os R\$ 240 milhões vindos do governo são insuficientes para sustentar uma máquina que "produz" 2 milhões de consultas e aproximadamente 20 mil cirurgias a cada ano. Sem ganhar o salário justo para, em troca, garantir esses records, 1,5 mil servidores do Hospital das Clínicas se foram entre janeiro de 1995 e junho deste ano, deixando para quem ficou uma carga de trabalho bem maior. Certamente, esses servidores, que mais se assemelham a voluntários, não suportarão o cumprimento de tantas tarefas. Mas não há muito o que fazer, olhando a atitude do poder público que, além de cortar a verba, proíbe a reposição de funcionários. Com isso, o Hospital das Clínicas corre o risco de perder o que tem de mais reconhecido: o alto conceito.

Ao que parece, os diretores do HC se recusaram a servir apenas de testemunha de mais uma crise do mal provocado pelo descaso. Reconheceram que, se os particulares e os convênios pagam entre 10 e 40 vezes mais do que o SUS pelos procedimentos médicos, não havia razão de deixá-los do lado de fora do portão. Ou eles ocupavam alguns leitos do hospital ou o portão se fechava para todos. Não há que se querer essa seja a fórmula para fazer do Hospital das Clínicas um hospital lucrativo, mas é a certeza de que vai ser permitida a continuidade do atendimento. Pelo menos, enquanto as autoridades insistirem em ignorar o mal.